

# CADMO

Revista do Instituto Oriental  
Universidade de Lisboa

12

Actas do Colóquio Internacional  
ORIENTALISMO ONTEM E HOJE

東方學國際研討會論文集  
東方學：過去與現在

## SÉCULO DE VERDI: O DESPERTAR DE UM GIGANTE

Por JOSÉ NUNES CARREIRA

*Professor da Faculdade de Letras  
da Universidade de Lisboa (Instituto Oriental)*

O gigante era o Oriente Antigo. Ninguém o imaginava sob vastas camadas de areia e ruínas esparsas, mais ou menos vistosas, para mais abafado por três camadas culturais sucessivas – a helenística, a cristã (pelo menos no Egípto, Síria e Anatólia) e a islâmica. Nem se percebiam os seus ecos, transmitidos pela cultura judaica e passados à cristã. Dizer que dormia é pouco. Verdadeiramente, o gigante hibernava há mais de dois mil anos, quando Verdi veio ao mundo em 1813.

Nessa altura, o mapa histórico do Próximo Oriente antigo era uma imensa mancha branca. Lá estavam Jerusalém, Damasco e Alepo, com milénios de habitação continuada. Babilónia reduzia-se a memória bíblica de fausto e maldição (ainda servira de metáfora de Roma no Apocalipse). Onde teriam estado os palácios de Nabucodonosor e Xerxes e os lendários jardins suspensos da «tão valerosa como incontinente»<sup>(1)</sup> Semíramis? Estrabão, em 24 a. C., já os não encontrou. Só as muralhas se mantinham de pé. Em 116 da nossa era, Trajano, em campanha contra os Partos, invernou nas suas ruínas. Os restos de Babilónia foram caindo aos poucos. Em princípios do século XVII, os viajantes portugueses na zona nada podiam saber dela: «acabou de tal sorte que nem uma pequena mostra de suas ruínas vemos hoje, sequer para dizer aqui foi Tróia».<sup>(2)</sup> Nínive, «cidade tão magnífica e opulenta que a Sagrada Escritura não achou outro nome que lhe pôr senão cidade grande de três dias de caminho», já ninguém sabia localizar nos princípios da era cristã. Confessa Luciano pela boca de Hermes, no *Caronte ou os Inspectores* confessa: «Meu

bom barqueiro (Caronte), Nínive está destruída, a ponto de não sabermos dizer onde ela era...» Nos começos do século XIX podia dizer-se o mesmo das capitais assírias Assur, Kalakh, Nínive e Dur-Sharrukin, das egípcias Mênfis, Tebas, Akhet-Aton e Tânis, da hitita Hattusha, da aqueménida Persépolis, das sumérias Ur e Uruk... e de tantas cidades mais ou menos importantes como Mari, Eshnunna, Kanesh, Ugarit e Alalakh.

Não faltaram europeus curiosos – comerciantes, diplomatas e aventureiros – a palmilhar o Oriente Próximo desde a Idade Média. Lembro Benjamim de Tudela, Ibn Battuta, Marco Paulo, António Tenreiro, o P. Francisco Álvares, Frei Gaspar de S. Bernardino, Mestre Afonso, Pedro Teixeira, Frei António de Gouveia, Pietro della Valle, até o prisioneiro de guerra feito escravo dos turcos Hans Schiltberger. Viram, observaram e escreveram... sem bulir nem de longe nem de perto com o sono profundo do gigante. Admirando pirâmides e templos no Egito não fizeram mais do que Heródoto e Estrabão. Associando na Mesopotâmia zigurates à torre de Babel e o arco sassânida de Ctesifonte a Nabucodonosor limitaram-se a ler e aplicar (erradamente) a Bíblia. Credite-se ao italiano Pietro della Valle o mérito de ter trazido tijolos inscritos para a Europa e aos portugueses Francisco Álvares e António de Gouveia o de terem pela primeira vez notado a estranheza das escritas da Arábia do Sul e cuneiforme, respectivamente em Aksum (Aquaxuma – Etiópia) e Persépolis.

Na segunda metade do século XVII, o gigante em hibernação levou dois valentes safanões – o de Frederico V da Dinamarca, em 1761-1766, e o de Napoleão, em 1798-1801. Apesar de contrariedades e infortúnios – quatro dos cinco exploradores do rei dinamarquês morreram nos primeiros dois anos – o chefe da expedição, Carsten Niebuhr, prosseguiu a viagem pela Arábia, Pérsia, Mesopotâmia, Síria e Ásia Menor e voltou a casa com grande quantidade de material. Notou a escrita até aí desconhecida do árabe do Sul, anterior ao árabe clássico do Alcorão, e copiou inscrições dos pilares do palácio de Persépolis e da parede rochosa de Behistun. Publicando o material<sup>(3)</sup>, criou as condições para a decifração da escrita cuneiforme.

Napoleão foi ao Egito em campanha militar. Mas teve o rasgo de a fazer acompanhar de cento e sessenta e cinco homens das ciências e das letras, que palmilharam o Egito. Naturalmente, levaram todas as antiguidades que puderam para Paris. O que não era transportável foi registado: copiaram-se inscrições, desenharam-se monumentos, cartografou-se o território até à vizinha Palestina do Sul. Um desenhador excepcional, Dominique Vivant Baron de Denon (1747-1825) não tardou em publicar o seu relato ilustrado.<sup>(4)</sup> Passada menos

de uma década e no curto espaço de quatro anos (1809-1813) saiu a monumental *Description de l'Égypte*, em vinte e quatro grossos volumes. Não faltou quem ironizasse – para descrever colossos não são precisas obras colossais! Mas não tardou a sentir-se a necessidade de fazer uma segunda edição, agora com trinta e oito volumes.<sup>(5)</sup> Mais esbofeteadado suavemente, como Huwawa do *Gilgamesh*, do que sacudido a sério, o gigante continuava a dormir e guardar o seu mistério.

Estava reservado ao século de Verdi despertar finalmente o gigante. Duas classes de pioneiros se distinguiram nesta tarefa – os filólogos e os arqueólogos. A cada um dos grupos dedico esta exposição sumária, sem pretensões de novidade nem me substituir aos que neste colóquio tratam *ex professo* da Assiriologia e da Egiptologia.

### A aventura da filologia

A aventura da filologia tinha de começar pelo Egipto, onde as inscrições à vista acicatavam curiosidades eruditas desde o erudito Renascimento. As tentativas de Athanasius Kircher (1601-1680)<sup>(6)</sup> estavam naturalmente votadas ao fracasso, pois os hieróglifos são signos fonéticos, não símbolos de mistérios recônditos. Um bispo de Gloucester, W. Warburton (1698-1779) e Carsten Niebuhr (1733-1815) estavam na via certa: o primeiro viu nos hieróglifos a linguagem falada do antigo Egipto e nas inscrições temas do dia a dia; o segundo admitiu o valor fonético dos signos. O dinamarquês G. Zoega (1755-1809) acertou ao ver nos conjuntos de signos delimitados por uma elipse nomes de faraós escritos foneticamente.

A Pedra de Roseta acabou por fornecer a chave da decifração. Depois de A. I. S. de Sacy (1758-1838) ter lido os nomes de Ptolemeu, Berenice e Alexandre no texto demótico<sup>(7)</sup> e o físico inglês Thomas Young (1773-1829) ter reconhecido dois desses nomes em outros textos hieroglíficos do Museu Britânico<sup>(8)</sup>, Jean François Champollion achou finalmente a chave da decifração<sup>(9)</sup>, como é sabido e será mais bem explanado pelo egiptólogo. A aventura da filologia prosseguiu com Richard Lepsius (1810-1884), que estudara línguas antigas, arqueologia e história da arte em Leipzig e esperara pela Gramática de Champollion para se dedicar ao egípcio. Não só consolidou, mas acrescentou contributos próprios à herança do pioneiro<sup>(10)</sup>.

Chegou o tempo de pôr a falar textos literários egípcios, tarefa a que meteram ombros tanto o profissional Vicomte Emmanuel de Rougé (1811-1872) como os amadores Charles Wycliffe Goodwin (1817-1878) e François-Joseph Chabas (1817-1882).

De Rougé, segundo sucessor de Champollion no Collège de France, publicou uma explicação da autobiografia de Ahmose<sup>(11)</sup>, de El-Kab, seguida de estudos sobre o conto d'*Os dois irmãos* (pap. d'Orbiney)<sup>(12)</sup> e o *Poema de Qadesh* (pap. Sallier III), entre outros.

Goodwin era advogado em Londres, abdicando de uma colocação na terra dos seus sonhos, o Egipto, em favor de Xangai, onde exerceu funções de juiz. Mas teve tempo e ânimo de se enfronhar na Egiptologia. Em 1858 firmou os seus créditos na matéria, publicando um artigo sobre «Papiros hieráticos», em que tratou com êxito, nalguns casos pela primeira vez, obras literárias tão importantes como o conto d'*Os dois irmãos* (pap. d'Orbiney), o *Poema de Qadesh* (pap. Sallier III), a *Instrução de Ptahhotep* (pap. Prisse) e de outros textos dos pap. Sallier e Anastasi.<sup>(13)</sup> O facto de um eclesiástico inglês ter propalado a existência de testemunhos egípcios em favor do êxodo dos Israelitas do Egipto incentivara Goodwin a pegar da pena e publicar os estudos que lhe granjearam justa fama de egiptólogo.

Chabas, um abastado comerciante de vinhos de Chalon-sur-Saône, era um «zelota de Champollion» (W. Schenkel). Considerava-se testamenteiro do mestre e até representante da sua escola, a «école de Champollion». Ante as ousadias do reverendo inglês reagiu à latina, isto é, muito mais violentamente do que o fleumático Goodwin. Mas não resistiu à tentação de identificar os '*apiru* das fontes egípcias com os «hebreus» da Bíblia<sup>(14)</sup>, errando tanto como quem acusava do outro lado do canal. Chabas aproveitou os estudos de Goodwin sobre os papiros hieráticos e decidiu combinar pipas de vinho e papiros egípcios. Com igual zelo e êxito, tratou da *Instrução de Ptahhotep*, «le plus ancien livre du monde»<sup>(15)</sup> (aqui não estava muito errado), de hinos e orações («hymnes et invocations»<sup>(16)</sup>), de contos («contes») como *Os dois irmãos*, *O príncipe malfadado* («prédestiné») e *Setna I* e ainda de cantigas de amor, que classifica erradamente de «narrativas»<sup>(17)</sup>.

Lepsius obtém a primeira cátedra de Egiptologia numa universidade alemã (Berlim, 1842) e nessas funções dirigiu a expedição de Frederico Guilherme IV ao Egipto. Os seus *Denkmäler* serviram de base ao estudo filológico de H. Brugsch, condensado no *Hieroglyphisch-demotisches Wörterbuch* (1867-68, 1880-82). Mas até à década de 80 não havia nenhuma ideia clara sobre a estrutura gramatical do egípcio. Surgiu então A. Erman, o fundador da chamada escola berlinense de Egiptologia, com uma metódica e acurada série de gramáticas e dicionários de alguns períodos da longa história egípcia<sup>(18)</sup>. Erman teve uma série de discípulos brilhantes, onde se contaram os alemães K. Sethe e G. Steindorff, o americano J. A. Breasted e o inglês

A. Gardiner. Escreveu ainda a primeira história da cultura do Egito baseada em fontes egípcias<sup>(19)</sup>.

\*  
\* \*

No outro lado do Crescente Fértil, a tarefa foi mais árdua. Antes de mais, essas florestas de incisões de pregos ao comprido e de topo estavam mais longe dos olhos europeus. Foi preciso dar com elas. Coube efectivamente ao monge agostinho Frei António de Gouveia dar de caras com essa escrita e dar notícia do achado. Em Persépolis, o monge diplomata viu uma inscrição que a seu entender devia conter o registo de fundação daquela «machina». Mas ninguém a podia entender, confessa desalentado. «As letras que declaram a fundação desta machina; & deuião tãobe declarar o autor della, ainda que estão em muytas partes muy distintas: toda via nam ha quem as lea, porque nam são Parsias, nem Arabias, nem Armenias, nem Hebreas, que sam as ã hoje correm por aquellas partes, & assi tudo ajuda a fazer esquecer o ã o ambicioso Rey deseiou tanto eternizar.»<sup>(20)</sup>

O pioneirismo do lusitano é realçado por um dos maiores sumerólogos do século XX: «Foi António de Gueca (leia-se Gouveia)... quem se referiu em primeira mão às inscrições dos monumentos (de Persépolis).»<sup>(21)</sup> Salve-se e saúde-se o exemplar único, que não temos outro nem para os hieróglifos nem para o cuneiforme.

A decifração só foi possível com as cópias fidedignas de inscrições cuneiformes trazidas e publicadas por Carsten Niebuhr. Sem equivalente à Pedra de Roseta ou a algo que lhe equivalesse, a solução do problema era um enorme desafio. Niebuhr foi o primeiro a ver que a mesma escrita fora usada nuns lados com menos signos, noutros com grande abundância deles. O teólogo e arqueólogo norueguês F. C. H. Münter (1761-1830) tirou a conclusão justa: as inscrições de Persépolis provinham dos reis aqueménidas e as três versões com diferentes quantidades de signos correspondiam a três línguas. Interpretou dois grupos de signos que ocorriam a espaços como «rei» e «rei dos reis», no que se veio a revelar-se correcto<sup>(22)</sup>.

O jovem (26 anos) professor de liceu de Göttingen Georg Friedrich Grotefend (1775-1853) chegou à decifração do persa antigo em 1801, partindo do pressuposto de Münter e do conhecimento que tinha de história antiga. Por esta sabia que Ciro conquistara Babilónia, pondo fim ao seu império. Era natural que uma das inscrições estivesse redigida na sua língua. Outra hipótese foi que a coluna do meio estivesse reservada à língua do vencedor. Não era de crer, admitiu

ainda, que o teor das inscrições monumentais tenha sofrido modificações repentinas. Se assim fosse, as inscrições deviam começar com o nome do soberano, seguido dos títulos: «N, rei grande, rei dos reis, rei de X e Y, filho de N<sup>1</sup>, rei grande, rei dos reis». As palavras estavam separadas por sinais oblíquos.

Se a hipótese estivesse correcta, a palavra «rei» apareceria no segundo e quarto conjunto de signos; a quinta começava pelo mesmo grupo («rei») seguido de um genitivo plural («dos reis»). Ora isto aplicava-se em duas inscrições. Faltavam os nomes próprios, cujo conhecimento era ainda mais importante porque permitia não só entender os significados mas também ler o valor fonético. O que só foi possível comparando duas inscrições: numa o rei era filho de alguém que não usava o título de rei. Por diversas exclusões, Grotefend viu que o rei filho de não-rei só podia ser «Dario», em grego Dareios, mas em hebraico *Dareyaweš*. Na realidade, a forma persa era *Daryauš*. A tradução completa era assim: «Dario, rei grande, rei dos reis, senhor dos países, filho de Hispastes...» Na segunda inscrição podia ler-se: «Xerxes, rei grande, rei dos reis, filho de Dario...» Pelos nomes próprios tinha-se chegado ao valor fonético dos signos. Grotefend apresentou as suas conclusões à Sociedade das Ciências de Göttingen a 2 de Setembro de 1802, num «relato prévio».<sup>(23)</sup> A instituição é que não mostrou muita confiança nos resultados e resolveu não publicar a comunicação.

Não admira que Henry Creswicke Rawlinson (1810-1895) ignorasse completamente Grotefend quando se entregou à tarefa da decifração do cuneiforme. Ao lado dos deveres de oficial e agente da administração britânica (desempenhou funções políticas na Índia, Pérsia, Afeganistão e finalmente em Bagdade<sup>(24)</sup>) copiou com risco de vida a inscrição gravada na parede rochosa de Behistun, balouçando em cordas a 100 metros do solo. Era um trabalho de enorme dificuldade, que exigiu anos sucessivos. Dois franceses que tinham feito a viagem com a mesma intenção tiveram de regressar a casa declarando incompreensíveis as inscrições. Rawlinson, conhecendo o sânscrito e o persa antigo, conseguiu interpretar os signos cuneiformes e descobrir o nome, os títulos e a genealogia de Dario. Estavam confirmadas as teorias de Grotefend. Em 1846, Rawlinson publicava o texto e a tradução.<sup>(25)</sup> Rawlinson descobriu ainda uma característica importantíssima da escrita cuneiforme, a saber, a sua «polifonia», ou seja, um único signo podia representar mais de um som ou valor.

Mais uma década e confirmava-se publicamente a seriedade da decifração. Em 1857, a Royal Asiatic Society promove em Londres um concurso singular para tirar todas as dúvidas. Entregou quatro sobres-

critos fechados a outros tantos investigadores para traduzirem, cada um por si, uma inscrição de Tiglat-pileser I (1115-1075 a. C.). Trabalhando separadamente, os profissionais Rawlinson, Edward Hincks e Jules Oppert, juntamente com o amador W. F. Fox Talbot (matemático) traduziram o texto durante dois meses: as traduções de Rawlinson e Hincks assemelhavam-se imenso, Oppert dava uma tradução anotada e só a do amador tinha um carácter vago e inexacto. Os quatro textos concordavam nos pontos principais e já não se podia duvidar da decifração. Rawlinson publicou ainda a primeira história da Assíria baseada em documentos cuneiformes<sup>(26)</sup>.

Outra descoberta – a dos Sumérios – fazia paralelamente o seu caminho. Em 1850 Edward Hincks verifica que a escrita babilónica-assíria não era alfabética mas silábica e ideográfica – os signos podiam representar sílabas de consoantes e vogais para formar uma palavra ou podiam expressar uma palavra completa. Dois anos mais tarde Rawlinson fez nova e sensacional descoberta: Os silabários exumados em Tell Kuyundjik eram bilingues, sendo uma das línguas semítica. Para a outra, Rawlinson não encontrou nome apropriado, aventando a hipótese de ser a dos Citas de Babilónia. Era de facto a dos Sumérios, de que se tinha perdido o rasto até do nome. Coube a Jules Oppert a tarefa de ressuscitar na nomenclatura os inventores da escrita cuneiforme. Numa conferência à Sociedade Francesa de Numismática (17 de Janeiro de 1869) propôs que as duas línguas se designassem respectivamente por «sumério» e «acádico». A razão era que a partir de certa altura, os reis da Mesopotâmia se proclamavam «reis de Sumer (a população não semítica) e Akkad (a população semítica)».

Uma escola alemã, fundada por E. Schrader e F. Delitzsch, introduziu rígido trabalho filológico na assiriologia. Delitzsch publicou a primeira gramática assíria em 1889<sup>(27)</sup> e um epocal dicionário assírio em 1894<sup>(28)</sup>; em 1913-14 fez para o mais antigo sumério o que empreendera para o assírio<sup>(29)</sup>.

## **O romance da arqueologia**

### **a) Mesopotâmia**

O «romance da arqueologia»<sup>(30)</sup> começou na longínqua e inóspita Mesopotâmia. Mais afastada da Europa e do sultão de Constantinopla; inóspita por depender de facto de chefes tribais que ignoravam soberanamente a presença dos paxás instalados nas cidades. As línguas ressuscitaram em gabinetes da Europa; os homens e as cidades só o

terreno as poderia devolver. Neste ponto, devemos tudo aos arqueólogos,<sup>(31)</sup> com aspas e sem elas, desde a investida do cônsul francês em Mossul, Paul-Émile Botta, sobre Tell Kuyundjik/Nínive no Inverno de 1842-43, até à revelação de Babilónia entre 1899 e 1917 pelo arqueólogo-arquitecto Robert Koldewey.

Na Primavera de 1843, com meia dúzia de trabalhadores locais, Botta começou a escavar. Como bagagem teórica dispunha de alguns conhecimentos de árabe (vinha de Alexandria) e de saúde (era médico de profissão). Dava à «arqueologia» só um dia por semana, a sexta-feira, o domingo muçulmano. Identificar sítios antigos era o que menos lhe importava. Os homens de Botta colheram safra magríssima: só tijolos, e nem sempre inteiros; nada de objectos dignos do Louvre. Até que um aldeão de Khorsabad pára, admirado de tanta azáfama. O estrangeiro queria tijolos? Viesse à sua terra natal. Eram aos montes. Ele mesmo os utilizara na construção do seu forno de tintureiro. Botta, nada propenso a acreditar em árabes, despachou um criado a verificar. O homem falara verdade: havia tijolos em barda. E aí vão os «arqueólogos» para o sítio indicado.

Nínive guardava-se para outro pioneiro, Austen Henry Layard. O afortunado inglês acabava de esventrar paços reais a oito em Nimrud. Sobravam libras dadas pelo representante diplomático de Sua Majestade junto da Porta Sublime e vai de atacar Kuyundjik. Chegou em 1846 e levou pouco a dar com o palácio de Senaquerib (705-681) – touros alados vigiando a entrada, estátuas a monte calcinadas pelo incêndio. Método científico de escavação não havia, nem se sentia necessidade dele. Mas os achados tiveram êxito retumbante na opinião pública, para o que contribuiu o relato magistral do explorador<sup>(32)</sup>. Podia reler-se Naum sobre Nínive a arder:

*Desmorona-se o palácio.  
A estátua é levada (2,7).  
Ai da cidade sanguinária,  
toda ela mentirosa,  
de rapina plena!  
Ruído de chicote  
e ruído de estalar de rodas,  
do corcel que galopa  
e do carro a avançar veloz!  
Cavaleiro fazendo empinar o ginete,  
espada cintilante,  
lança reluzente,  
um ror de vítimas,*

*cadáveres em massa,  
mortos sem fim!  
Tropeça-se nos mortos.  
Na 3,1-3*

Na segunda missão à Assíria (1849-1851), Layard aperfeiçoou o método de saque, não o da arqueologia. Cavou minas ao longo das paredes sempre que suspeitava da existência de relevos. Extraiu monumentos vistosos, sem curar de estudo sério. Ainda assim, procurou gizar a planta do palácio de Senaquerib. Noutra golpe de sorte, encontrou uma parte da biblioteca de Assurbanípal (669-627) em duas divisões de posterior acrescento. A maior parte dos livros, copiados em bibliotecas de Babilónia, tratava de temas religiosos: hinos e lamentações aos deuses, poemas mitológicos. Mas havia obras profanas: tratados de matemática e astronomia, cartas, documentos de negócios, lista de reis, arquivos históricos.

Quando Layard renunciou à «arqueologia» para prosseguir a carreira diplomática, substituiu-o o cônsul britânico em Bagdade, Sir Henry Cresswicke Rawlinson, que passaria à história como um dos decifradores da escrita cuneiforme.

Numa arqueologia de caça ao tesouro, o cônsul não podia ter melhor ajudante que o cristão caldeu de Mossul Hormuzd Rassam, com estudos em Oxford, prática de intérprete ao serviço da Inglaterra e dois anos de calabouços na Abissínia. Em 1853 ocupou à força uma parte da colina atribuída por combinação aos franceses. Em breve embatia nos restos do palácio de Assurbanípal, com relevos sensacionais de caçadas e a segunda parte da famosa biblioteca do imperador. Não é exagero chamar biblioteca a cerca de trinta mil volumes<sup>(33)</sup> devidamente organizados pelos emissários do rei a Babilónia e Borsippa, chave do que sabemos da cultura sumero-acádica.

Desenterraram-se tesouros artísticos – estátuas colossais de touros alados e cabeça de homem guardando as entradas (pesando até 30 toneladas cada um), relevos murais<sup>(34)</sup> de alabastro correndo ao longo de 4000 metros.

Os ingleses voltaram a Nínive em 1903-1905, explorando ali o templo de Nabu, entre os dois palácios. Do bairro do templo veio uma das esculturas mais famosas do sítio e até da antiga Mesopotâmia: uma cabeça de bronze, retratando provavelmente Sargão de Akkad – rosto masculino vigoroso, nariz vincado, lábios grossos cerrados, barba rija bem tratada; o olho esquerdo vazado nada tira à imponência e energia. Não há dúvida de que se quis retratar um monarca. O artista não destoa do naturalismo da arte de Akkad. E não repugna à anti-

guidade de Sargão (c. 2350 a. C.) o facto de a escultura ter sido encontrada numa casa do séc. VII a. C. Despojos trazidos por Assurbanípal de Susa? É bem possível, pois aí foi encontrada a estela com o «Código» de Hammurabi, entre outras preciosidades. Viu-se que a colina já era habitada no Calcolítico, com 27,5 m de areal em cima do solo virgem. Mas também se descobriu o palácio de Assurnasirpal II (883-859).

Nínive ocupava duas colinas: Tell Kuyundjik (cerca de 30 ha) e mais além, Tell Nebi Yunus («colina do profeta Jonas»). Aqui está a memória do bíblico herói-cómico, que mandado a Nínive fugiu na direcção oposta (para Társis, no extremo Ocidente), foi engolido pelo cetácio e acabou por cumprir a missão de má mente.

Em Khorsabad realizou Botta o seu sonho de exumar um palácio de rei assírio. Havia mais que os prometidos tijolos: paredes, salas intermináveis repletas de vestígios antigos, relevos de carros de guerra, cavalos ferosos e prisioneiros a caminho do exílio, esculturas gigantes de animais fantásticos. Fora proveitoso seguir o conselho do tintureiro. Botta continha-se e escrevia reservado para Paris: «Creio ter descoberto esculturas atribuíveis ao período de esplendor de Nínive.» A grande metrópole, fundada por Sargão II (722-705) para capital do império assírio, ressuscitou da areia. No seu curto esplendor estendeu-se por 740 ha, rodeada de altas muralhas duplas (25 m de altura), até à conquista de Babilónios e Medos (612 a. C.).

Entretanto Botta via-se confrontado com dificuldades de toda a ordem. Esculturas que se desagregavam ao contacto com o ar. Madeiras de apoio eram roubadas pelos vizinhos. O paxá de Mossul prendia trabalhadores e mandava espões para Khorsabad, acusava o francês a Constantinopla de estar a lançar os alicerces de uma fortaleza, finalmente embargava a obra. O embargo foi levantado; mas dirigir a escavação (que já metia desenho e protecção dos achados) nestas condições, com centenas de trabalhadores (chegaram a trezentos) era empresa que só um homem de energia podia levar cabo. Metodologicamente, continuava a velha caça ao tesouro para arranjar peças de museu – seguir as paredes, retirar os melhores relevos e enterrar de novo os outros. Apesar disso, uma das antigas capitais da Assíria ia ressurgindo para a história. E o «arqueólogo» teve o mérito de registar monumentos e inscrições cujo transporte não era possível ou rentável. E pôde contar com o pintor Eugène Napoléon Flandin para traçar o plano do palácio escavado.

O «Cormoran», que carregara caixotes e mais caixotes de antiguidades assírias em Baçorá, aportou ao Havre. Pelo Sena, as preciosidades orientais deram entrada em Paris. Estava-se em Fevereiro

de 1847. A 1 de Maio seguinte, o Louvre inaugura a primeira sala assíria da Europa. Foi um espanto e um êxito retumbante. Artistas, escritores, historiadores, gente da cultura e o homem da rua admiravam extasiados as relíquias da Assíria. Aí estava a arte desse povo belicoso que fizera temer a Ásia como símbolo de crueldade e arrogância. Todos podiam ver a técnica de assalto a fortalezas, a brutalidade no combate e no tratamento dos vencidos. Já não era preciso recorrer à imaginação. Preenchia-se plasticamente uma lacuna histórica. Julgou-se ter atingido a antiga Nínive<sup>(35)</sup>. Na realidade, expusera-se a «cidade de Sargão», Dur Sharrukin, fundada adrede para capital do soberbo império.

Poucos anos depois (1852), a França investe oficialmente na escavação. Na cidade de 10 ha, sensivelmente quadrada (1760 x 1685 m) e amuralhada, continua a desenterrar-se o palácio (mais 200 divisões e 30 átrios). A dificuldade é escolher entre os relevos: Sargão mandou esculpir os seus triunfos bélicos por tudo quanto era parede (cerca 7000 km<sup>2</sup>). O espólio segue em 235 caixotes Tigre abaixo, não obstante o perigo de ataque das tribos ribeirinhas. Foi-se contornando a ameaça com dinheiro de suborno pago aos xeques. Ao oitavo dia de viagem, 31 de Maio de 1955, o comboio estava a chegar à confluência com o Eufrates, em Kurna. Não houve tempo para subornos. Ao ataque súbito dos beduínos gerou-se o pânico, afundou-se o barco e as primeiras duas jangadas, desaparecendo um grande génio de pedra e um touro alado nas ondas do Tigre. À vista de Baçorá (22.5.1855), cai de outra jangada o touro colossal de 32 toneladas, afundando-se para sempre. Só depois de quatro meses de diligências em Baçorá e o transbordo para o «Manuel», que rumou a França em Novembro de 1855, embarcaram os 36 caixotes salvos. O Louvre iria orgulhar-se dos touros androcéfalos e de um touro alado. Peças capitais desapareceram para sempre.

A documentação escrita enriqueceu-se com a descrição da tomada de Samaria por Sargão II<sup>(36)</sup>, com problemas para os historiadores (outra fonte assíria e 2 Re 17,1-6 atribuem-na ao antecessor). Touros alados com altura até 4,5 m e 30 toneladas de peso e o chamado «Gilgamesh com o leão» estão entre os mais imponentes tesouros de arte assíria do Louvre.

Kalakh, outra capital assíria na confluência do Zab Superior com o Tigre, 25 km a sul de Nínive, demorou mais a desaparecer do mapa e da história. Mas, encetada a febre de escavar, não tardou a aparecer em Nimrud. Austen Henry Layard, o primeiro a exumar Kalakh do sepulcro que a envolvia, viu e palpou muito mais que o turista ou estudioso desprevenido que chega ao sítio. O «arqueólogo» deixara-se

fascinar pelo Oriente misterioso desde a leitura das *Mil e uma noites*: desejava conhecer Alepo, Damasco, Bagdade e Ispaão (Isfahan). Aprendeu a escrever árabe e uns rudimentos de persa. Aborreceu o direito que lhe impuseram aos dezasseis anos, vegetou por seis anos no escritório de um notário londrino, comprou telescópio, termómetros, uma bússola e um barómetro, perguntou a um médico como curar doenças que poderia contrair na Ásia... e abalou à aventura, seguindo as inclinações profundas. Tocou a Suécia e a Rússia a caminho do Oriente. Viajou pela Ásia Menor, Síria, Mesopotâmia e Pérsia. Chegou às colinas da Assíria em 1840 e ficou fascinado: «Estas colinas, escreveu mais tarde, fizeram-me muito mais impressão, conduziram-me a pensamentos muito mais sérios do que os templos de Baalbek ou os teatros da Jónia»<sup>(37)</sup>. Dois anos mais tarde, encontrava-se com Botta em Mossul. E deixou-se contagiar pela febre de escavar. Só escasseavam os meios. Valeu-lhe o embaixador inglês em Istambul com 60 ou 70 libras. Juntando-as às próprias economias, Layard partiu lesto, cavalgando sem criados nem bagagens. Galopou dia e noite até Mossul, aonde estava novamente em 1845, cinco anos depois do primeiro contacto com a Assíria.

Queria ressuscitar Nínive, mas não podia contar com o governador turco de Mossul, cuja autoridade efectiva pouco passava dos limites da cidade (todo aquele território fazia teoricamente parte do império otomano). Espírito audacioso e optimista, comprou espingardas e lanças – ia à caça. Desceu o Tigre. Fez amigos entre os beduínos. Ganhou a confiança do chefe da tribo que acampava junto à colina de Nimrud, uma das mais interessantes da margem oriental do rio. Recrutou seis trabalhadores e lançou-se a escavar, sem licença expressa nem implícita. A dificuldade era determinar o sítio por onde começar, no solo juncado de tijolos cobertos de inscrições. Awad, o chefe da tribo, levou-o a um pedaço de alabastro que emergia da areia. Layard atacou por ali e sentiu na pele que «audaces fortuna iuvat». Em poucas horas apareceram mais lajes de alabastro sobrepostas, talvez a parede de uma sala, outra parede repleta de inscrições. Não havia dúvida: topara com uma construção importante. Mais tarde veio a saber que num só dia e com a ajuda de seis homens a sorte o levava a dois palácios.

Cinco novos trabalhadores vêm oferecer os seus serviços. O estrangeiro parecia maluco. Que mania! Esventrar a colina atrás de pedras velhas! Mas pagava bem e enquanto corresse o dinheiro não faltariam ajudantes. Vieram à luz figurinhas de marfim com vestígios de douramento e algumas incrustações de folhas de ouro. Um dia,

quando o arqueólogo chegava ao campo, saltaram-lhe ao encontro alvoraçados: «Descobriram o próprio Nimrud! Alá é grande! Vimo-lo com os nossos próprios olhos!»

Os árabes acreditavam que a colina albergava o túmulo de Nimrud, o «poderoso caçador diante de Javé» (Gn 10,9) de que fala a Bíblia. Layard compreendeu imediatamente: tinha aparecido alguma estátua gigantesca, como as que Botta desenterrara em Khorsabad. «Aquele cabeça enorme, explicava, embranquecida pela idade, parecia pertencer a esses seres ferozes que, segundo a tradição do país, aparecem aos mortais subindo lentamente das regiões subterrâneas.» O xeque do campo mais próximo veio ver. Encheu-se de coragem, desceu à trincheira e exclamou boquiaberto: «Isto não é obra dos homens; é antes obra dos gigantes infíeis de que o profeta, a paz seja com ele, conta que eram mais altos do que a maior palmeira! É um desses ídolos que Noé, a paz seja com ele, amaldiçoou antes do dilúvio!» Os presentes concordaram.

Os trabalhos foram suspensos, para o assunto ser estudado por autoridades civis e religiosas. Entretanto Layard recebia ordem de tratar a estátua com o maior respeito. O *cadi* e o paxá chegaram à conclusão de que nenhum dos antepassados dos fiéis saía maltratado. A escavação pôde continuar.

A estátua colossal era a primeira de uma longa série. O palácio, que fora de Assurnasirpal II deu nada menos de treze pares de leões e touros alados. E os árabes não se tornaram a comover. Apesar das dificuldades, sobretudo do paxá, Layard conseguiu escavar parte de cinco palácios reais em Nimrud e enviar para o Museu Britânico, que financiava a expedição desde 1846, dois carregamentos de relevos, estátuas de pórticos e outras preciosidades antigas. No primeiro carregamento seguiu o famoso obelisco negro de Salmanassar III (858-824), em que Jeú, rei de Samaria, se prostra aos pés do assírio, com o tributo de 842 a. C.

Ressurgia Kalakh nos seus grandes monumentos: templo de Nabu com a estátua do deus (1,65 m de altura), zigurate (51 x 51 m, por cerca de 60 m de altura), «palácio do Noroeste» de Assurnasirpal II, «palácio central» de Salmanassar III (858-829) e Tiglat-pileser III (745-727), «palácio ocidental» de Adad-nirari III (810-783), «palácio do Sueste» começado em princípios do século VIII, «palácio do Sudoeste» de Assarhaddon (680-669). O palácio de Assurnasirpal II, o maior (2 ha) e mais antigo, emprega a técnica de revestimento de paredes com placas de relevos e dota as entradas de génios colossais alados, decoração seguida nos palácios posteriores e que se tornaria característica da arte assíria.

A guerra da Crimeia interrompeu bruscamente esta «arqueologia» de saque. Ainda bem, que a actividade dos pioneiros de arqueologia nada tinha, não merecendo o nome nem por alcunha. Algo de positivo ficou, todavia. Tinham emergido à luz do dia os restos de três capitais assírias. Relevos de corcéis ferosos, de assaltos a cidades amuralhadas, de prisioneiros de rastos confirmavam a brutalidade das conquistas e genocídios. Ressuscitava uma cultura brilhante em tijolos inscritos.

\*  
\* \* \*

Faltava ressuscitar Sumérios e Babilónios. Dos primeiros perdera-se completamente o rasto. Dos segundos ficara a fama – fantasmas de glória e grandeza, mas também de inveja, medo, terror, confusão e ignomínia, desde as origens nebulosas do mundo. Vinha na Bíblia. Babilónia quisera rivalizar com Deus, fazendo uma torre que chegasse ao céu e desse «nome» aos construtores. Não era a torre mítica ou lendária, mas sim a cidade histórica soterrada algures que interpelava os arqueólogos. E estes, passadas quase três décadas de «pousio», estavam mais bem apetrechados. Métodos e objectivos tinham amadurecido em Herculaneum e Pompeios: através das camadas de estratos, queria-se desenterrar, não tesouros para enriquecer museus na Europa, mas sim a história do sítio.

Sem Babilónia, o passado misterioso do Oriente Próximo ficava incompleto. A quantidade de areia a remover assustou, fazendo recuar até o ambicioso Layard. Nem que o parlamento lhe concedesse 25.000 libras esterlinas! O arquitecto alemão Robert Koldewey, deslumbrado com os fragmentos de tijolo esmaltado que juntara em 1890, aceitou o repto. Koldewey não caçava esculturas, procurava antes de mais os grandiosos monumentos de Babilónia.

Ao começar as escavações (1899), os alemães mediam a importância da empresa. Mas não imaginavam a dificuldade da enorme massa de areia que separava a superfície das ruínas – até quinze e vinte e cinco metros. Após catorze anos de escavações e com a ajuda de duzentos e cinquenta operários, os arqueólogos estavam só a meio caminho.

Koldewey achava que valia a pena. Não encontraria a capital de Hammurabi, implacavelmente destruída pelos Assírios. Mas quem sabe se não toparia com restos da cidade restaurada por Assarhaddon, ou a capital de Nabopolassar (626-605) e Nabucodonosor II (605-562)?! Conhecia a descrição de Heródoto. As defesas deviam ser descomunais

– primeiro fossas de água, profundas, depois muralha de cinquenta côvados de largo e duzentos de altura. No interior, nova muralha, de menor perímetro mas pouco menos imponente.

Parecia exagero. Mas verificou-se que o Grego falava verdade.<sup>(38)</sup> Evidentemente, os arqueólogos não puderam confirmar a altura das muralhas. Mas lá estavam os cinquenta côvados reais (28 metros de tijolo) de espessura dos 18 km de muralha externa. E ainda havia a muralha interna dupla (de 6,5 m e 3,7 m de espessura, com intervalo de 7,2 m), seguida em 8,4 km. Impossível conquistar tal cidade! Babilónia sucumbiu pelo interior – o clero de Marduk, descontente com a política religiosa de Nabónido (556-539) abriu as portas de par em par aos soldados de Ciro, que aí entrou triunfante em 539 a. C.

A exploração durou dezoito anos (26.03.1899 a 10.03.1917). Na colina de *Qasr*, apareceram três complexos arquitectónicos de Nabopolassar e Nabucodonosor II, servindo os dois primeiros de fortalezas, casernas e armazéns; o Südburg (322 x 190 m), com cinco corpos paralelos, grandes átrios e magníficas salas de trono e audiências (a maior de 52 x 17 m) era o palácio residencial dos soberanos caldeus. A Porta de Ishtar recobrou vida e figura. Através da faustosa Rua da Procissão, a poente do palácio, aparecia o templo de Emakh, deusa dos Infernos, erguido por Assurbanípal e restaurado por Nabopolassar, pequeno mas bem conservado. Mais a Ocidente, emergia do entulho o templo de Ishtar. Na colina de *Sakhn*, vinham à tona os últimos restos da mundialmente famosa zigurate de Marduk, Etememanki («Casa do fundamento de céu e terra»). Embora da «torre de Babel» sobrasse apenas a massa informe do interior, em tijolo cru, e os alicerces das camadas externas, de tijolo cozido, puderam calcular-se as dimensões do mais empolgante monumento da restauração caldaica: cinco andares sobre uma superfície de 90 m de lado e atingindo outros 90 m em altura, com o templo de Marduk na última plataforma. Ao lado, desenterrava-se o Esangila («Casa da elevação da cabeça»), grande templo de Marduk. A colina de *Merkes*, do outro lado de uma curiosa ponte (assente em seis pilares em forma de barco) sobre o Eufrates, albergava os quarteirões residenciais da cidade velha. Lia-se a sequência cronológica dos estratos – partos, gregos, persas, neobabilónicos, assírios, cassitas, finalmente paleobabilónicos de 1700/1600 a. C. *Tell Babil*, 3 kms. a norte da cidade, escondia o palácio de Verão de Nabucodonosor.

Mérito dos restos de Babel ou do tacto dos arqueólogos-arquitectos, muito se dava a ver. Nada que se comparasse à desolação das capitais assírias, Nínive, Kalakh ou Dur Sharrukin. E também lá havia palácios e casas. Passava-se a Porta de Ishtar escoltada de

animais fantásticos esculpidos nos tijolos nus (40 a 51 figuras elegantes do touro de Adad e do dragão ofídio de Marduk, em marcha pausada e em fieiras sobrepostas). Não esmagava a robustez das paredes (12 m de altura dos originais 25 m), que a fruição estética era mais forte. Assurbanípal começou. Nabucodonosor concluiu, aponto em assinatura votiva: «A porta de Ishtar com tijolos esmaltados... construí eu para Marduk, meu senhor.»

Seguia-se a Rua da Procissão (23 m de largura), outra jóia da capital de Nabucodonosor – um quilómetro lajeado de calcário e de placas de brecha listrada de branco e vermelho (nos lados) dando acesso condigno ao complexo dos santuários Etemenanki e Esangila, entre muralhas e além da ponte. Admirava-se a ponte de pedra. Imaginavam-se nas bases os jardins suspensos que deslumbraram Estrabão, Josefo e Diodoro Sículo. Reconheciam-se os outros nove grandes templos, entre eles a «Casa da Festa do Ano Novo».

\*  
\* \* \*

Os Sumérios, acantonados ao sul do Iraque em região desértica, tinham resistido às investidas da arqueologia de saque. Ressuscitados no nome, faltava encontrá-los em efígie e rasto. Foi o que aconteceu em Tello e Nuffar.

Em Tello e para além das expectativas, o vice-cônsul francês em Baçorá, E. de Sarzec, encontrou a antiga cidade de Lagash. Onze campanhas (1877-1900) desenterraram uma nova civilização: tipo humano peculiar visível rosto do *ensi* Gudea, mais hierático do que o dos governantes semitas, rica biblioteca de cerca de 30.000 placas, manancial de história e cultura. Lá estava a história de Lagash pré-sargónica (c. 2500-2350 a. C.) em interminável guerra com Umma e a renascença suméria levada a cabo por Gudea (2144-2124 a. C.). Textos de vitória e derrota, com graças aos deuses e maldições a Umma, hinos de Gudea ao deus Ningirsu, estelas a ilustrar guerras e devoções – belo espólio repartido pelo Louvre e pelo museu imperial otomano de Istambul. Em suma, os Sumérios de carne e osso entravam na história.

Nuffar, que mal escondia o antigo nome sumério Nippur, acrescentou um traço ainda mais religioso. Os arqueólogos americanos traziam à luz a cidade santa das cidades-estados sumérias. Quatro campanhas (1889-1900) recheadas de dificuldades de toda a ordem, do isolamento ao abastecimento de víveres, desembocam em discussões graves no seio da missão e no fecho prematuro da escavação. Não

sem preciosa colheita de 17.000 textos, hoje maioritariamente em museus americanos.

\*  
\* \* \*

Pelo caminho, desvendaram-se em Susa os Elamitas – eternos e figadais inimigos de Sumérios e Babilónios, até dos longínquos e belicosos Assírios.

Viajantes portugueses dos séculos XVI-XVII tinham procurado Susa em Suster, guiados pela fama de Ester. Suster, no Curdistão, «já se disse ser Suso, ou Susa, onde Assuero teve sua corte e onde se passaram as (peripécias) de Ester com Haman»<sup>(39)</sup>. Frei Gaspar de S. Bernardino bem se esfalfou por ver a cidade de Ester. Mas é peremptório: Suster não é de identificar com Susa, que ninguém sabe onde era. Quando muito, a aldeia poderia estar relacionada com a bela judia que partilhara a cama e o trono de Xerxes. Seria a conciliação da história com a lenda: «mas, como o Mundo tem dado tantas voltas, e hoje se não saiba, nem onde foi Susa, possível seria, que depois da destruição desta cidade, querendo reconhecer a grande obrigação em que a esta santa ficaram pelo memorável benefício que vivendo lhes fizera, lho quisessem agradecer com trasladarem os seus ossos ou sepultura a esta aldeia, por não ficar para sempre em outra de esquecimento sepultada. Por esta causa cuido eu lhe poriam o nome de Suster, significando em a etimologia dele, estar aqui o corpo de Ester que esteve em Susa. Seja como for, eu desejei em extremo ir vê-la, mas nem mouro, nem judeu achei que se atrevesse a outro tanto.»<sup>(40)</sup> Susa (Shush) e Suster (Shushtar), qualquer que seja a proximidade etimológica e histórica, estão de facto próximas uma da outra.

Susa fora mina preciosa desde os pioneiros da arqueologia (sondagens de 1851 e 1853). Mas só no tempo da arqueologia séria se procedeu ao levantamento rigoroso e exploração das ruínas (1884-1886). Seguiram-se escavações arqueológicas francesas em grande escala (1897-1939; 1946-), com resultados surpreendentes. Vieram à luz numerosos textos, que permitem reconstituir a história da cidade (entre estes a estela de Naram-Sin de Akkad, c. 2159-2123), placas inscritas na língua de Elam e tesouros artísticos trazidos como despojos e troféus de guerra. Na última categoria se inscreve a famosa pedra com o «código» de Hammurabi de Babilónia (1792-1750). Os edifícios aqueménidas (palácios e fortificações) devem-se sobretudo a Dario I (521-485) e Artaxerxes II (404-358). A enorme sala do trono

(55x60 m com colunas de 21 m a terminar em capitéis de cabeça de touro) pertence às mais imponentes realizações da arquitectura aqueménida. Tijolos coloridos esmaltados revestiam as paredes dos palácios, num estilo semelhante ao de Nabucodonosor II em Babilónia. Em estratos sobrepostos resumia-se a história pré-clássica da zona oriental do Golfo, dos Elamitas aos Persas aqueménidas, Sumérios, Babilónios e Assírios.

### **b) Egipto**

O Egipto<sup>(41)</sup> interpelava desde a Bíblia, Heródoto, Estrabão e Diodoro Sículo. Pirâmides, Labirinto e templos impressionaram vivamente os viajantes-escritores gregos. Na opinião de Heródoto, o Labirinto avantajava-se às maiores realizações arquitectónicas dos Helenos.

Um aventureiro de Quinhentos, António Tenreiro de seu nome, viajou à força (prisioneiro dos Turcos) para o Egipto e escreveu sobre ele. Tenreiro chegou ao Cairo em 1522. De interesse para o estudioso da civilização faraónica só deixou duas observações: regime das chuvas e das cheias do Nilo, que não tinham mudado muito, e as pirâmides. «O Rio Nilo... não se passa em nenhum tempo a váo: corre da banda do sul pera o norte por terra chã: no lugar onde o eu vi he por largos campos pera a banda do levante, os quaes elle réga hũa vez no anno em o fim do mez de agosto; sáhe fóra da madre, sem verem chuva. Em aquella terra muitas vezes se acontece sete, e oito annos não chover nella.»<sup>(42)</sup>

Napoleão deu o primeiro grande impulso à exploração científica do antigo Egipto. Enquanto os soldados do Directório esmagavam os Mamelucos, os civis coleccionavam documentos e inspeccionavam monumentos. A campanha militar foi um fracasso. Mas a Comissão das Ciências e das Artes regressou a Paris com um valioso espólio, em grande parte levado para o Museu Britânico depois da paz de Viena (1815). O que não fora possível arrancar à terra vinha em desenho. Anotou-se a posição topográfica dos sítios antigos. Compueram-se mapas precisos do Egipto, Sinai e até Palestina do Sul, ocupada temporariamente pelos franceses. A *Description de l'Égypte* alcançou justa fama mundial e desencadeou uma vaga de entusiasmo por essa terra maravilhosa de templos, pirâmides, múmias e papiros. Surgiram outras obras na França e na Alemanha com a história da Expedição.

Na Europa foi o deslumbramento. No Egipto o início de um saque organizado. Os ingleses encontraram o instrumento precioso num aventureiro italiano, Giovanni Battista Belzoni. Com um currículo diver-

sificado de aspirante a frade, artista de circo<sup>(43)</sup> e frequentador dos calabouços de Londres, percorreu o Egito por conta do cônsul-geral inglês e enviou o que pôde para o Museu Britânico. Abriu à força a pirâmide de Khéfren (2520-2494) e fez as primeiras escavações no vale dos Reis, onde abriu o túmulo de Seti I (1304-1290). Belzoni era «mais pesquisador de ouro que de verdade»<sup>(44)</sup>. Não terá sido «um dos homens mais notáveis da história da egiptologia» (H. Carter), mas teve méritos como colecionador.

O Egito continuou a atrair. O suíço Johann Ludwig Borchardt copia esculturas nas paredes de Abu Simbel. A Prússia organiza a primeira expedição (1820-1821), acompanhada de infortúnio – várias mortes e um naufrágio em que se perdeu parte da coleção. O resto, ainda assim apreciável, foi parar ao Museu de Berlim. Melhor sorte teve a segunda missão (1842-1845), enviada por Frederico Guilherme IV a explorar o vale do Nilo e a Núbia, por sugestão de Alexander von Humboldt. Dirigia-a Richard Lepsius, na força dos trinta e dois anos. Não se previam escavações. Mas encontraram-se restos de pirâmides desconhecidas, visitaram-se mastabas (nome árabe para «banco», tal a forma exterior de sepulcros de privados) e descobriram-se em Tell el-Amarna os primeiros documentos relativos a Amenófis IV/Akhenaton (1364-1347). Sem pressão de tempo (seis meses para Mênfis), reproduziram-se monumentos e desenharam-se cartas topográficas com impecável exactidão. A 25 de Fevereiro de 1845 escrevia Lepsius de Tebas: «Vivemos há mais de três meses na nossa acrópole tebana, na colina de Gurna, cada qual ocupado de manhã à noite na sua tarefa de investigar, descrever e desenhar os monumentos mais valiosos, tomando impressões das inscrições em papel, fazendo plantas das construções; ainda não pudemos completar sequer o lado líbio, onde ainda falta examinar pelo menos doze templos, vinte e cinco túmulos de reis, cinquenta de rainhas e filhas e um número incontável pertencentes a privados»<sup>(45)</sup>. Nasceu outra edição monumental<sup>(46)</sup>, atestando a seriedade do empreendimento. Menos sério à luz dos actuais parâmetros foi o envio de 15.000 peças para Berlim.

Pouco depois entrou em campo Auguste Mariette, enviado pelo Louvre para copiar manuscritos coptas. Primeiro, em viagens de exploração (1850-1854), de que resultou a descoberta do Serapeum com os sarcófagos do boi Ápis, no recinto funerário de Mênfis, e da avenida das esfinges (141 peças) em Sakkara. A partir de 1857 e como director das escavações estatais, Mariette desaterrou uma série de ruínas em sítios importantes, entre outros, Abidos, Dendera, Karnak, Deir el-Bahari. Finalmente, e para pôr cobro ao saque descarado das

antiguidades egípcias a pretexto de os naturais não as saberem preservar, fundou o Museu Egípcio em Bulak (1858), passado ao Cairo em 1902.

Os museus da Europa iam-se enchendo de objectos egípcios. Publicavam-se relatos e gravuras dos monumentos espectaculares. Mas tudo permaneceria enigmático, se entretanto não se tivessem decifrado os hieróglifos, por mérito de Jean-François Champollion, em 1822. Base fora a Pedra de Roseta, um texto de louvor a Ptolemeu V, vertido na escrita sagrada (14 linhas em hieróglifos), a par das versões demótica (22 linhas) e grega (54 linhas). Sendo a última língua bem conhecida e partindo do suposto que as cartelas encerravam nomes de reis, foi possível equacionar as consoantes de «Ptolemaios» e «Kleopatra» com os signos egípcios, descobrindo a escrita hieroglífica de *p*, *o* e *l*, signos comuns aos dois antropónimos, mais duas variantes do som *t* e sete outros hieróglifos. Os «bonecos» reproduziam sons (consonânticos), como as letras do nosso alfabeto.

Champollion morreu novo (ainda chefiou uma expedição ao Egipto em 1828-1830<sup>(47)</sup>) e não deixou a herança a um discípulo. Em breve apareceu, porém, um digno continuador. Chamava-se Richard Lepsius, arqueólogo e linguista, outro pai da egiptologia.

Findava a era dos pioneiros da descoberta do país e decifração da língua. Para o fim do século (1880), chegou ao Egipto o primeiro arqueólogo digno deste nome, o inglês W. M. Flinders Petrie. Aos vinte e sete anos, Petrie não fazia a mínima ideia do vandalismo que grassava no país, não obstante o esforço hercúleo de Mariette para o evitar. Sonhando desde criança com experiências métricas, vinha decidido a medir as pirâmides de Guiza, por dentro e por fora. Com uma ideia científica de escavação, «parecia o único a compreender que a arqueologia tinha por finalidade não só descobrir e expor uma múmia, mas sobretudo apresentar o Egípcio enquanto este era ainda uma múmia em potência»<sup>(48)</sup>.

O arqueólogo instalou-se num túmulo vazio que alguém dotara recentemente de porta e ferrolho, completou a instalação com um aquecedor a álcool e começou a trabalhar. Bastou um ano para ver que o Egipto era uma casa em chamas, tão célere ia a destruição. Petrie não se especializou num sítio, como Evans em Creta. Dos grandes monumentos de Guiza passou ao Delta: em 1884, em San el-Hagar, a antiga Tânis, deu com o grandioso complexo de palácio real e templo (13 ha de extensão) e nos anos seguintes (1884-1886) escavou restos do período helenístico em Tell Enbire, 120 km a noroeste do Cairo. Investigou a pirâmide de Meidum (1890-91) e as ruínas do templo de Ptah e do palácio de Merenptah (1224-1204) em

Mit-Rahina (28 km a sul do Cairo), onde estava a antiga Mênfis (a partir de 1908). Esteve no Médio (Tell el-Amarna, 1891-92) e no Alto Egipto. Aqui escavou o templo de Osíris em Abidos (1899-1901; 1903-04). No templo de Merenptah, perto do Ramesseum de Tebas, encontrou a «estela de Israel» (1896), assim baptizada por conter a mais antiga menção do «povo» do Antigo Testamento. Avançou para sítios que não faziam grandes títulos nos jornais, como o pré-histórico de Nagada, e desenterrou pela primeira vez uma cultura calcolítica em solo egípcio. Descobriu a colónia grega de Naucratis, localizou a entrada para o sepulcro-pirâmide de Hawara e identificou Dafne, perto de Kantara, com a bíblica Tachpanches.

Inglese menos famosos escavaram no Delta e na região de Tebas por conta do *Egypt Exploration Fund*. Num túmulo de Beni Hassan, no Médio Egipto, descobriram-se (1902-1904) belas pinturas murais de emigrantes asiáticos a serem registados na fronteira.

Os franceses continuaram a tradição de envolvimento na descoberta do antigo Egipto. G. Maspero abriu a pirâmide de Meidum (1881) e deu com um esconderijo de múmias reais em Deir el-Bahari, a uns cem metros dos templos. Um homem do lugar conduziu pessoalmente o substituto de Maspero ao almejado tesouro: restos mortais de quarenta faraós, entre os quais Ahmose (1552-1527), que expulsou os Hicsos, o grande conquistador da Ásia Tutmés III (1490-1436) e o inigualável Ramsés II (1290-1224). Na década de 90, trabalhou-se em túmulos e mastabas de Sakkara, na pirâmide de Dahshur e no templo duplo de Kom Ombo (Alto Egipto), que devotos da era helenística e romana dedicaram aos deuses Sobek e Haroeris.

Os alemães não ficaram inactivos. A recém-fundada *Deutsche Orient-Gesellschaft* envia os seus homens a Abusir, onde escavam as pirâmides dos faraós da V dinastia Sahuré (2458-2446), a maior, Neferirkaré (2446-2427), incompleta, e Niuserré (2420-2396).

O Museu de Berlim mandou os seus homens a Elefantina<sup>(49)</sup>, uma ilha no Nilo junto à primeira catarata, frente a Assuão (1906-1908). A cidade do deus Khnum («senhor da catarata») albergava importantes ruínas de templos desse deus. A equipa alemã deixou os templos e atacou a colina arruinada, onde escavações furtivas dos anos 90 haviam trazido a lume os «papiros de Elefantina», em aramaico dos séculos VI-V a. C. e com informações preciosas sobre o judaísmo pós-exílico. Descobriram-se mais papiros (aramaicos e gregos) e *ostraka* com letreiros aramaicos.

Mais retumbante em êxito seria a missão a Tell el-Amarna (1911-1914), a capital de Amenófis IV/Akhenaton (1364-1347), fundada de raiz em solo virgem, «não pertencente a nenhum deus», com o nome

emblemático de Akhet-Aton, «Horizonte de Aton». A capital orgulhara-se do grande templo de Aton (1500 m de comprimento) e albergara vários palácios e a «chancelaria régia». Infelizmente para a ciência, habitantes da zona exploravam desde 1886 a correspondência diplomática trocada com as colónias da Ásia e com as potências rivais de Hatti, Mitanni, Assíria e Babilónia, encaminhando-a para o mercado de antiguidades do Cairo. Eram as famosas *Cartas de Amarna*<sup>(50)</sup>, redigidas em acádio<sup>(51)</sup>, a língua diplomática da época, aparentemente deixadas nos arquivos quando Tutankhamon abandonou a fé e a capital do sogro. Nas escavações de Amarna, começadas por W. M. Flinders Petrie (1891-1892) e continuadas pelos alemães e pelos ingleses, vieram a lume numerosas pinturas murais de palácios e túmulos (a maior parte inacabados) da família real e de altos funcionários, bem como o famoso busto de Nefertiti, hoje em Berlim.

### **c) Anatólia**

Os Hititas<sup>(52)</sup>, ainda mais que os Egípcios, os Babilónios e os Assírios, há muito que tinham sido varridos da memória colectiva, mais uma vez em oposição à sorte de outros grandes construtores de civilização pré-clássica: pois, mesmo antes das descobertas arqueológicas, quem não ouvia falar no cativo e nas pragas do Egipto, nas crueldades dos Assírios, na grandeza e confusão de Babilónia, na magnanimidade e humanidade dos Persas? Nomes e fama perduraram pelos séculos fora em narrativas de enorme vigor plástico, recitadas em liturgias mais ou menos solenes de igrejas e sinagogas. Só algumas alusões a hititas na historiografia bíblica: notícias avulsas de um hitita que vende uma gruta a Abraão em Hebron (Gn 23), de mulheres hititas desposadas por Esaú em Bersabeia (Gn 26,2), de um guerrilheiro (1 Sam 26,6) e de um general hitita (2 Sam 11) no exército de David. Pior sorte, só a dos Sumérios, de quem se perdera até o nome.

O século de Verdi assistiu ao cerco e descoberta dos hititas da história.<sup>(53)</sup> Em 1834, Charles F. M. Texier deu com ruínas impressionantes em Boghazköy, uma aldeia turca na curva do Halys, o actual Kizil Irmak, no norte da Capadócia. O viajante não imaginou nem ao de leve que pisava a antiga Hattusha, capital dos Hititas. Tentou escavar, mas não pôde determinar nem a idade nem o significado das ruínas. Mas divulgou o achado num volume de belas gravuras, que tiveram grande eco entre historiadores e arqueólogos da Europa. As dimensões do campo e das ruínas mostravam claramente tratar-se de restos de uma cidade, não de um povoado qualquer. Texier interpretou os relevos de deuses nas rochas de Yazilikaya como representação de um encontro entre amazonas e paflagónios e tomou Boghazköy

por Ptéria, onde segundo Heródoto (I, 76) se teria travado uma batalha entre Ciro e Cresos. Uma coisa parecia certa: os relevos não denunciavam parentesco com a arte grega ou romana; eram produtos típicos de arte asiática, que uns associavam aos Assírios, outros aos Persas.

Napoleão III despachou para a Anatólia a «expedição gálata» (1861), chefiada por Georges Perrot. Mas a sua incumbência era estudar e executar cópia perfeita do Monumentum Ancyranum, restos de um templo de Augusto em Ankara, conhecido desde o século XVI. Perrot trabalhou a sério; com o auxílio de um médico armado em fotógrafo (Jules Delbat) não só carregou materiais para a projectada *Histoire de Jules César* de Napoleão III como reproduziu com a nova arte relevos hititas em rochas da Capadócia com precisão inaudita.

No ano seguinte, Perrot empreendeu uma excursão exploratória a toda a Ásia Menor. Descobriu novos monumentos e dedicou finalmente aos Hititas (chamados naturalmente «Heteus» com a Vulgata) uma secção do volume IV da sua *Histoire de l'art dans l'antiquité* (Paris 1887).

Já o assiriólogo de Oxford A. H. Sayce reconheceu que as esculturas de Yazilikaya se integravam num contexto cultural mais vasto, indo da síria Hamá, no Orontes, ao planalto de Esmirna, na Ásia Menor. Chamou-lhe «hitita», de acordo com as designações dos Egípcios (*heta*) e dos Hebreus (*hittim*). O centro dessa civilização estaria a seu ver na Síria do Norte; a cidade arruinada de Boghazköy devia ter sido importante, mas quando muito sede de uma dinastia local, cujo poder dificilmente ultrapassaria as fronteiras da Capadócia. O missionário irlandês William Wright tirava a conclusão: os materiais dispersos na Anatólia e Síria do Norte (sobretudo inscrições de Hamá) testemunhavam a existência de um «império dos Hititas»<sup>(54)</sup>. O autor fazia a espantosa afirmação que uma terceira grande potência, esquecida por Gregos e Romanos, dominara a Ásia Menor. A ideia assentava em factos, mas dependia mais da intuição do que das provas.

Que os Hititas tinham sido um povo e factor importante na cena política internacional podia provar-se com documentos egípcios e assírios, entretanto decifradas as línguas. Fontes egípcias falavam das relações de Tutmés III com os Hititas. Em paredes de templos egípcios enaltecia-se a vitória estrondosa de Ramsés II contra um forte exército hitita em Qadesh, junto ao Orontes. Registos e anais assírios falavam desde Tiglat-pileser I (1115-1077 a. C.) em incursões na «terra de Hatti». Confirmava-se a intuição de Wright: os Hititas não só tinham existido como povo e reino independente; haviam sido, na verdade, uma grande potência. Individualizá-los, localizá-los, enfim, explorá-los foi obra da arqueologia.

Os Hititas começaram a aparecer pelas margens, geográficas e cronológicas. Aliás, a «terra de Hatti» dos Assírios era a Síria e tinha mais a ver com margens e fama do que com os Hititas propriamente ditos.

Nas margens do império se deu a primeira investida da arqueologia sobre os Hititas, a cargo de dois alemães (Otto Puchstein e Karl Humann) e um austríaco (Felix von Lauschan). Em Zingirli, na vertente oriental do Amano, ao norte de Alexandreta, tinham aparecido acidentalmente oito placas em relevo. A expedição arqueológica, apoiada financeiramente pela *Deutsche Orient-Gesellschaft* e pelo *Reichsmuseum*, ambos de Berlim, trabalhando entre 1888 e 1902, desenterrou um exemplar particularmente interessante de palácio real, dos séculos IX-VIII a.C. Surgiu a antiga cidade de Sam'al, amuralhada (muralha dupla, com cerca de cem torres e três portas) e ocupando uma superfície de 37 ha. Três pares de leões esculpidos defendiam uma das portas. Quatro grandes edifícios de tipo *hilani* (com átrio aberto) serviam fins culturais. Inscrições aramaicas (não hititas) confirmavam ao mesmo tempo a importância do reino e a sua marginalidade em relação aos Hititas. Faltava atingir o coração do reino e posteriormente império hitita.

Este escondia-se soterrado em Boghazköy, que não tinha desaparecido da vista nem do interesse dos arqueólogos. Em 1894, o francês E. Chantre e o alemão E. Schäffer, com pouco intervalo um do outro, encontram nas ruínas fragmentos de placas cuneiformes. Parte dos textos eram acádicos. Outros transmitiam uma língua desconhecida, a que hoje chamamos hitita, da família indo-europeia, a mesma de duas indecifradas placas de Amarna. Boghazköy esteve na mira dos arqueólogos ingleses. Mas a política e os negócios falaram mais forte. As boas relações de Guilherme II da Prússia com o sultão Abdul Hamid II e o financiamento do Banco Alemão à construção da via férrea Berlim-Bagdade ditaram a escolha: seriam alemães a escavar Boghazköy.

Hugo Winckler chefiou a expedição – uma sorte rara (para mais nesse tempo): o arqueólogo era ao mesmo tempo um experimentado assiriólogo; Winckler conhecia bem o acádico e lia imediatamente as placas inscritas nesta língua franca e diplomática da última metade do 2º milénio pré-cristão.

Como arqueólogo, Winckler era um desastre. Trabalhou tão desordenadamente como H. Schliemann nas primeiras escavações de Tróia. Só com esta diferença: enquanto Schliemann se deixou guiar pelo cientista Doerpfeld, Winckler, autoritário e irascível, não admitia sugestões a ninguém. Não tomava parte na escavação. Relata um co-

laborador: «Passava o dia inteiro sentado no seu gabinete a ler as tabuinhas de argila com escrita cuneiforme que diariamente eram descobertas, a fim de obter uma visão geral do seu conteúdo. Mackridy (o encarregado turco) não via razão para nos informar onde e como essas tabuinhas eram encontradas. O seu elemento de ligação, que também desempenhava funções de uma espécie de capataz, era um curdo alto e desempenado, chamado Hassan... Uma manhã, notei que esse homem saía da nossa casa construída a meio caminho da escavação, levando consigo um cesto e uma picareta, e se dirigia para o grande templo, em baixo, na planície. Segui-o para ver o que ele ia fazer. E vi, no Salão 11 do grande templo, tabuinhas de argila inteiramente preservadas e dispostas diagonalmente em fileiras ordenadas. O curdo atacou-as com tanto descuido como uma camponesa que cavasse a terra para colher batatas, quebrando assim o número de peças suficientes para encher o cesto. Com essa colheita, regressou a nossa casa e deu as tabuinhas a Mackridy-Bey, que triunfalmente as entregou a Winckler.»<sup>(55)</sup>

Mesmo assim, muito se salvou do que guardavam os arquivos reais: a colecção de cerca de 2500 placas, na maior parte fragmentárias, descoberta em 1906; e a grande biblioteca vinda a lume em 1911-1912, contendo também silabários em que as palavras sumérias, acádicas e hititas se alinhavam em três colunas. As placas escritas em acádico não ofereciam dificuldade de maior. Eram cartas e tratados, ambos testemunhando as trocas diplomáticas do tempo. A 20 de Agosto de 1906 encontrou-se a versão acádica do tratado de paz entre Ramsés II e Hattusili III (c. 1264-1239). Não havia a menor dúvida: Winckler pusera descoberto o coração do império hitita, a cidade que por breve tempo rivalizara com Babilónia e Tebas. Podia mesmo determinar a duração do império: sete reis em cinco gerações, de 1400 a 1220 a. C. Só não podia prever que futuras investigações apontariam data muito mais recuada; nem viu que «Hattusha» não é topónimo hitita, mas remonta a tempos pré-hititas.

Com a morte de Winckler em 1913 terminou a primeira fase de exploração arqueológica de Boghazköy. A Grande Guerra, a guerra turco-grega e a situação instável daí resultante impuseram uma longa pausa. Estava mais completo o quadro das grandes potências do 2º milénio a. C.

#### **d) Palestina**

Atravessada e colonizada pelos Egípcios, humilhada, espezinhada, devastada e finalmente anexada por Assírios e Babilónios, a

Palestina esteve sempre à margem da política internacional. Teve, porém, a grande vantagem de albergar a mescla de gentes e credos donde brotou o Antigo Testamento, livro santo e sagrado para Judeus e Cristãos, um dos pilares da civilização ocidental. E fora o berço de Jesus Cristo e do cristianismo. Tinha de concitar o interesse da arqueologia nascente<sup>(56)</sup>.

Data de 1865 a criação do *Palestine Exploration Fund* na Inglaterra. Entre a euforia desregrada dos pioneiros e a escavação séria e metódica, não se propunha propriamente fazer arqueologia científica, não obstante a ocorrência do termo. Dos seus objectivos constava a «investigação sistemática da arqueologia, da topografia, da geologia e da geografia física, dos usos e costumes da Terra Santa, para ilustração bíblica»<sup>(57)</sup>. A substância está nas duas últimas palavras.

A nova sociedade não tardou em enviar um «arqueólogo» improvisado a Jerusalém. C. Warren, um brilhante oficial, escava minas no subsolo do Haram es-Sheriff à procura de restos do templo de Salomão. Lá estavam cantarias do celebrado monumento descrito no *Livro dos Reis* (2 Re 6-8). Conclusão errada: as pedras pertenciam ao templo... de Herodes, não de Salomão. Um erro cronológico de 900 anos, pelo menos.

Foi preciso chegar à Palestina um arqueólogo sério, com provas dadas em dez anos de trabalho no Egipto, precisamente o atrás referido Flinders Petrie. Não procurava resíduos que confirmassem notícias da Bíblia; pretendia simplesmente ilustrar a história do sítio a partir dos vestígios deixados na terra.

A exploração de Tell el-Hesi (seis campanhas a partir de 1890) é um marco miliário não só na arqueologia da Palestina, mas em toda a arqueologia oriental. Petrie restabeleceu dois pontos fundamentais: um *tell* não é colina natural, mas resulta de camadas de entulho das habitações e destruições sucessivas; tendo cada estrato o seu tipo de cerâmica, esta é a base da cronologia absoluta (comparando com a cerâmica dos túmulos egípcios, liam-se em Tell el-Hesi datas absolutas aproximadas).

Para a escavação de Gezer, um dos mais importantes sítios das colinas ocidentais, o *Palestine Exploration Fund* já contratou um professor universitário. R. A. S. Macalister dirigiu as campanhas entre 1902 e 1905 e 1909 e 1909. O material foi bem estudado e publicado<sup>(58)</sup>, mas os métodos deficientes e a falta de conhecimento da cerâmica pouco contribuíram para a complexa história do sítio.

De 1908 a 1910 a Universidade de Harvard promoveu a escavação de Sebastiyeh (Samaria), dirigida pelo Prof. G. A. Reisner. Foi notável o aperfeiçoamento dos métodos.

Jericó interpelava exegetas e curiosos de temas bíblicos. Não era difícil adivinhá-la sob as areias do vistoso Tell es-Sultan, mesmo ao lado do oásis de Eriha, que preserva o nome antigo. As escavações, levadas a efeito por uma missão germano-austriaca entre 1907 e 1909, não pretendiam corroborar a Bíblia, posto que dirigidas por um exegeta profissional (E. Sellin). De facto, coroaram a primeira fase da arqueologia científica na Palestina. Na tradição alemã, os directores E. Sellin e C. Watzinger integraram arquitectos na bem organizada missão. Os resultados ultrapassaram largamente as expectativas. Plantas e fotografias magníficas acompanhavam a publicação. Ilustrava-se a cerâmica com desenhos e fotografias. Descrevia-se minuciosamente a muralha do Bronze Médio<sup>(59)</sup>. Só a falta de atenção aos resultados de outros arqueólogos, sobretudo ingleses, pesou negativamente. Brios nacionalistas descabidos terão contribuído para uma deficiente cronologia da cerâmica<sup>(60)</sup>.

\*  
\* \*

Cem anos depois do nascimento de Verdi, o Antigo Oriente começou a ressuscitar das cinzas. Assomavam dos túmulos de areias profundas velhas metrópoles que encheram o Crescente Fértil de admiração e horror: Tebas, Akhetaton e Mênfis no Egipto; Assur, Kalah, Nínive e Dur Sharrukin na Assíria; Babilónia, no reino do mesmo nome; Hattusha, no coração da Anatólia. Alinharam-se as grandes potências dos três primeiros milénios da história ao lado de potências regionais como os Elamitas de Susa e a ambiciosa Lagash dos Sumérios.

Pela arte e literatura, os sítios falavam dos túmulos, como clamavam há séculos das paredes do velho Egipto sem ninguém as entender. Pairavam abutres sobre cadáveres, erguiam-se orantes nos templos, assestavam-se máquinas de guerra às muralhas de cidades sitiadas, corriam corcéis à brida em postura de combate. Recriavam-se hinos e orações aos deuses enterrados no solo e na memória colectiva, chocavam exércitos colossais em batalhas fragorosas. Liam-se precursores da criação e dilúvio bíblicos.

Nascia um novo Humanismo do encontro com as grandes literaturas (egípcia, suméria, acádica), com a grandiosidade das epopeias e o fascínio dos mitos, dos contos e narrativas, da lírica; preparava-se um segundo «Renascimento» com a descoberta dos precursores dos Gregos nas ciências (medicina, matemática, astronomia), nas correntes religiosas, até na filosofia precoce, apelidada «sabedoria»... à grega (!). «Renascimento oriental», eis o nome que convém dar à

profunda transformação que, de alguns anos para cá, se manifesta nos conhecimentos do mundo oriental antigo, se queremos estabelecer um paralelismo com a história da nossa civilização.»<sup>(61)</sup> Tudo partiu do acordar do gigante, despertado pela filologia e pela arqueologia. Emergia o primeiro grande foco de civilização, antes da Grécia e de Roma.

## Notas

<sup>(1)</sup> *Tratado da viagem que fez D. Álvaro da Costa, da Índia Oriental á Europa, nos annos do Senhor de 1610, e 1611, per via da Persia, e Turquia, com particular relação de toda a terra Santa, e da cidade de Jerusalem que vizitou; e das mais Cidades, terras, e lugares, Reynos, e Provincias que andou. E de uma breve e geral descrição da Índia Oriental, e da navegação que a ella fazem os Portugueses, todos os annos.* Manuscrito CXV, 1-5 Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Beja, fl. 72.

<sup>(2)</sup> FREI GASPAR DE S. BERNARDINO, *Itinerário da Índia por terra até à ilha de Chipre*, Lisboa 1953, XVIII, 202. Título da 1ª edição: *Itinerário da Índia por terra até este reyno de Portugal, com Descriçam de Hierusalem*, I Parte, Lisboa 1611. Outras edições: Lisboa 1842, 1854.

<sup>(3)</sup> C. NIEBUHR, *Reisebeschreibung nach Arabien*, Kopenhagen 1772; *Reisebescheibung nach Arabien und anderen umliegenden Ländern*, I-II, Kopenhagen 1774-1778.

<sup>(4)</sup> *Voyage dans la Haute et Basse Égypte*, I-II, Paris 1802 (com 141 gravuras).

<sup>(5)</sup> Paris 1820-1830 (26 volumes de texto e 12 volumes de gravuras).

<sup>(6)</sup> O esforço do jesuíta está patente nas suas numerosas publicações sobre a matéria: *Obeliscus pamphilius*, Roma 1650; *Oedipus aegyptiacus*, I-III, Roma 1652-1655; *Lingua aegyptiaca restituta*, Roma 1644; *Sphinx mystagoga*, Amsterdam 1676.

<sup>(7)</sup> *Lettre au Citoyan Chaptal, ministre de l'intérieur, au sujet de l'inscription égyptienne du monument trouvée à Rosette*, Paris 1802.

<sup>(8)</sup> T. YOUNG, *Hieroglyphes*, London 1823.

<sup>(9)</sup> *Lettre à M. Dacier relative à l'alphabet des hiéroglyphes phonetiques*, Paris 1822.

<sup>(10)</sup> *Lettre à M. le professeur Rosellini... sur l'alphabet hiéroglyphique*, Rome 1937.

<sup>(11)</sup> E. DE ROUGÉ, «Mémoire sur l'inscription du tombaeu d'Ahmès, chef des nautoniers», in *Mémoires de l'Académie des Inscriptions, Savants étrangers* 3 (1851) 1-196.

<sup>(12)</sup> «Notice sur un manuscrit égyptien, en écriture hiératique, écrit sous le règne de Merienphthah, fils du grand Ramsès, vers le XV<sup>e</sup> siècle avant l'ère chrétienne», *Revue archéologique* 9 (1853) 385-392.

<sup>(13)</sup> C[HARLES] W[YCLIFFE] G[OODWIN], «Hieratic Papyri», in *Cambridge Essays 1858*, London 1858, pp. 226-282. Referências, que não pude conferir, em W. SCHENKEL, «Ägyptische Literatur und ägyptologische Forschung», in A. LOPRIENO (ed.), *Ancient Egyptian Literature*. I, pp. 23-24. Todo o estudo, pp. 21-38.

- (14) O. LORETZ, *Habiru-Hebräer*. Eine sozio-linguistische Studie über die Herkunft des Gentiliziums 'ibri vom Appellativum Habiru (BZAW 160), Berlin/New York 1984, p. 20, citando várias afirmações de Chabas e respectivas fontes.
- (15) F.-J. CHABAS, «Le plus ancien livre du monde, Étude sur le papyrus Prisse», *Revue archéologique* 15 (1858) 1-25.
- (16) ID., «Hymnes et invocations», in *Bibliothèque internationale universelle. Monde ancien, Civilisation orientale 2, Poésie lyrique*, Paris 1870, II, pp. 167-185.
- (17) ID., «Deux nouveaux contes égyptiens», in *Comptes rendus de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, 4<sup>e</sup> série 2* (1984) 117-124. Referências, que não pude conferir, em W. SCHENKEL, «Ägyptische Literatur und ägyptologische Forschung», in A. LOPRIENO, *Ancient Egyptian Literature*, I, pp. 24-25.
- (18) A. ERMAN, *Neuägyptische Grammatik*, Berlin 1880; ID., *Ägyptische Grammatik*, Berlin 1894.
- (19) ID., *Ägypten und ägyptisches Leben im Altertum*, 1886.
- (20) A. DE GOUVEIA, *Relaçam em que se contam as guerras e grandes vitorias que alcançou o grande Rey da Persia Xa Abbas, do grão Turco Mahometo, e de seu filho Ahmetho, as quaes resultarão das Embaxadas que por mandado da Catholica Magestade del Rey D. Felipe II de Portugal fizerão alguns Religiosos da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho à Persia*, Lisboa 1611, fl. 32.
- (21) S. N. KRAMER, *Os Sumérios. Sua História, Cultura e Carácter*, trad., Lisboa 1972, p. 23.
- (22) F. C. K. H. MÜNTER, *Versuch über die keilförmigen Inschriften zu Persepolis*, Kopenhagen 1802; o original dinamarquês aparecera em 1800.
- (23) G. F. GROTEFEND, *Prævia de cuneatis quas vocant inscriptionibus persepolitans legendis et explicandis relatio*.
- (24) A carreira política levou-o à Pérsia em 1830 e em 1843 a Bagdade.
- (25) H. C. RAWLINSON, *The Persian Cuneiform Inscriptions at Behistun with a Memoir on Persian Cuneiform Inscriptions in General*, London 1846/1847.
- (26) H. C. RAWLINSON, *Outlines of Assyrian History, Collected from the Cuneiform Inscriptions*, XXIII<sup>th</sup> ann. Report of Royal Asiat. Soc., London 1852 (XV-XLVI). Para a decifração do cuneiforme cf. C. GRIMBERG, *História universal*, 1, trad. Lisboa 1965, pp. 201-208; S. N. KRAMER, *Os Sumérios*, 22-36; C. W. CERAM, *Deuses, túmulos e sábios*, pp. 159-171.
- (27) F. DELITZSCH, *Assyrische Grammatik*, 2<sup>a</sup> ed. Berlin 1906.
- (28) ID., *Assyrische Lesestücke mit grammatischen Tabellen und vollständigem Glossar*, 51912.
- (29) ID., *Grundzüge der sumerische Grammatik*, Leipzig 1913; ID., *Kleine sumerische Sprachlehre*, Leipzig 1914.
- (30) Subtítulo da obra muito divulgada de C. W. CERAM, *Deuses, túmulos e sábios*, Círculo de Leitores, Lisboa 1977.
- (31) Para a história da arqueologia da Mesopotâmia, cf. K.-H. BERNHARDT, *Die Umwelt des Alten Testaments*, I: Die Quellen und ihre Erforschung, Berlin 1967, pp. 138-200; C. W. CERAM, *Deuses, Túmulos e Sábios*, pp. 149-225 («O livro das torres»); A. PARROT, *Découverte des*

*mondes ensevelis* (CAB), Neuchâtel/Paris 1955, pp. 43-72; A. TERRY WHITE, *Les grandes découvertes de l'Archéologie*, trad., Verviers 1962, pp. 91-226; de forma resumida, J. NUNES CARREIRA, *Do Preste João às ruínas da Babilónia*. Viajantes portugueses na rota das civilizações orientais, Lisboa 1990, pp. 12-18.

(32) A. H. LAYARD, *Ninive and its Remains: A Narrative of a First Expedition to Ninive*, I-II, London 1849.

(33) Dando este nome às placas e fragmentos. Pelos cálculos de E. Weidner, não seriam mais de 5000 placas inteiras de textos literários e outras 5000 do arquivo do Estado, misturadas provavelmente no tempo de perigo e confusão antes da queda da cidade em 612 a. C. (Cf. K.-H. BERNHARDT, *Die Umwelt*, 174 n. 99).

(34) A divisão XXXV do «palácio do Sudoeste» tinha um relevo importante para a história de Israel, a representação do cerco de Lákis.

(35) As escavações foram relatadas com colaboração de nove cientistas numa obra ilustrada, que se conta entre os clássicos da Arqueologia: P. E. BOTTA, *Monuments de Ninive découverts et décrits par P. E. Botta, mesurés et dessinés par E. N. Flandin*, I-V, Paris 1846-1850.

(36) Transcrição ainda não ultrapassada em P. E. BOTTA, *Monuments*, IV-V, Paris 1849 (Osna-brück 1972); tradução inglesa em ANET <sup>3</sup>1969, p. 284; alemãs em TGI, <sup>3</sup>1979, pp. 60-61, nº 30; TUAT I, 1984, pp. 378-381.

(37) Em A. TERRY WHITE, *Les grandes découvertes*, 99-100; para o que segue cf. *ibid.*, pp. 100-109.

(38) Para as ruínas de Babilónia cf. H. SCHMÖKEL, *Funde im Zweistromland* (Sternstunden der Archäologie), Göttingen/Berlin/Frankfurt/Zürich 1963, pp. 276-282.

(39) P. TEIXEIRA, «Relacion del camino dende la India hasta Italia», p. 127 in Id. *Relaciones de Pedro Teixeira del origen descendencia y succession de los reyes de Persia, y de Harmuz de UN VIAJE HECHO POR EL MISMO AUTOR dende la India hasta Italia por terra*. En Amberes M.DC.X. São três «relações», cada uma com paginação própria.

(40) FREI GASPAR DE S. BERNARDINO, *Itinerário*, XVI, 178; cf. J. NUNES CARREIRA, *Outra face do Oriente*. Viagens dos Portugueses no Próximo Oriente, Mem Martins 1997, p. 153.

(41) Para a arqueologia do Egipto cf. K.-H. BERNHARDT, *Die Umwelt*, pp. 71-131; C. W. CERAM, *Deuses*, pp. 57-147 («O livro das pirâmides»); A. TERRY WHITE, *Les grandes découvertes*, 59-88; J. BAINES-J. MALEK, *Atlas of Ancient Egypt*, London 1981, pp. 22-29.

(42) A. TENREIRO, «Itinerario de... caualeyro da ordem de Christo em que se contem como da India vêo a estes reynos de Portugal, in A. BAIÃO, *Itinerários da Índia a Portugal por Terra*, Coimbra 1923, XLIII, 88.

(43) Como tal actuou em Lisboa, em 1812 (cf. W. WOLF, *Funde in Ägypten*. Geschichte ihrer Entdeckung (Sternstunden der Archäologie), Göttingen/Berlin/Frankfurt/Zürich 1966, p. 225).

(44) C. W. CERAM, *Deuses, túmulos e sábios*, p. 88.

(45) Citado in N. REEVES-R. WILKINSON, *The Complete Valley of the Kings*, London 1996, p. 66.

(46) Doze volumes de gravuras em *Denkmäler aus Ägypten und Äthiopien* (1849-1859). Os cinco volumes de texto apareceram entre 1897 e 1913 em reelaboração de Borchardt, Sethe e Wreszinski.

- (47) De que resultou postumamente *Monuments de l'Égypte et de la Nubie*, I – IV, Paris 1835--1845.
- (48) A. T. WHITE, *Les grandes découvertes*, 58.
- (49) Em egípcio Yebew, «Cidade do Elefante», provavelmente por causa do seu papel no comércio de marfim da Núbia.
- (50) Edições: J. A. KNUDTZON, *Die El-Amarna-Tafeln*, dois vols., Leipzig 1915; S. A. B. MERCER, *The Tell el-Amarna Tablets*, dois vols., Toronto 1939; W. L. MORAN, *Les lettres d'El-Amarna* (LAPO 13) Paris 1987; M. LIVERANI, *Le lettere di el-Amarna*, dois vols., Brescia 1998.
- (51) Nem aos súbditos os Egípcios impuseram o uso da sua língua na correspondência oficial.
- (52) Para o que segue cf. K. BITTEL, *Hattuscha, Hauptstadt der Hethiter, Geschichte und Kultur einer altorientalischer Grossmacht*, Köln 1983, pp. 9-16; J. NUNES CARREIRA (ed.), *Historiografia hitita*, Lisboa 1999, pp. 11-15.
- (53) Para a história da arqueologia da Anatólia cf. K. H. BERNHARDT, *Die Umwelt*, pp. 229-255; K. BITTEL, *Hattusha, Capital of the Hittites*, New York 1979 (alemão: *Hattuscha – Hauptstadt der Hethiter, Geschichte und Kultur einer altorientalischer Grossmacht*, Köln 1983); C. W. CERAM, *O segredo dos Hititas. A descoberta de um antigo Império*, trad. Lisboa s. d.; J. NUNES CARREIRA (ed.), *Historiografia hitita*, pp. 12-20.
- (54) W. WRIGHT, *The Empire of the Hittites*, London 1884. A. H. Sayce, que colaborara na obra, escreveu pouco depois *The Hittites: The Story of a Forgotten Empire*, London 1886 (2<sup>a</sup>1910).
- (55) C. W. CERAM, *O segredo dos Hititas*, p. 65; cf. *ibid.*, pp. 13-63.
- (56) Para a história da arqueologia da Palestina cf. W. F. ALBRIGHT, *The Archeology of Palestine*, Penguin Books, 1947 (muitas reimpressões), pp. 7-48; J. NUNES CARREIRA, *O plano e a arquitectura do templo de Salomão à luz dos paralelos orientais*, Porto 1969, pp. 21-33; V. FRITZ, *Kleines Lexicon der biblischen Archäologie*, Konstanz 1987.
- (57) Citado em K. KENYON, *Archaeology in the Holy Land*, London 1960, p. 17.
- (58) R. A. S. MACALISTER, *The Excavations of Geser*, I-III, London 1912.
- (59) E. SELLIN-C. WATZINGER, *Jericho*, Leipzig 1913.
- (60) W. F. ALBRIGHT, *Arcaeology*, 33.
- (61) S. MOSCATI, *L'Orient avant les Grecs*, trad. Paris 1963, p. 3.